

ETNOGRAFIA VIRTUAL: UMA ALTERNATIVA DE CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA

VIRTUAL ETHNOGRAPHY: A FIELD ALTERNATIVE IN TIMES OF PANDEMICS

Clayton Marinho dos Santos¹
Jesus Marmanillo Pereira²

RESUMO

O presente texto aborda o impacto da pandemia da Covid-19 sobre as pesquisas das Ciências Sociais neste contexto de isolamento social, principalmente nas produções acadêmicas com abordagem etnográfica. Elenca alguns dos desafios e limitações para os pesquisadores, bem como apresenta a etnografia realizada de forma virtual, como uma possibilidade para realização de pesquisas de campo nesse período. Para a composição do corpus teórico do trabalho contou-se com a perspectiva de Christine Hine sobre a etnografia para internet. Buscou-se identificar quais soluções foram propostas por estudiosos para enfrentarem o impasse da necessidade de mudanças de percursos metodológicos impostas pelo distanciamento físico.

Palavras-chave: Metodologia; pandemia; etnografia; internet; antropologia digital.

ABSTRACT

This text addresses the impact of the Covid-19 pandemic on research in Social Sciences in this context of social isolation, especially in academic productions with an ethnographic approach. It lists some of the challenges and limitations for researchers, as well as presents ethnography carried out virtually, as a possibility for conducting field research during this period. For the composition of the theoretical corpus of the work, Christine Hine's perspective on ethnography for the Internet. We sought to identify which solutions were proposed by scholars to face the impasse of the need for changes in methodological paths imposed by physical distance.

Keywords: Methodology; pandemic; ethnography; internet; digital anthropology.

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan na China, surgiu a Covid-19, uma doença com alto poder de transmissibilidade causada por um corona vírus, denominado SARS-COV-2 (Brasil, 2021). Sua rápida disseminação por todo o mundo

¹Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (PPGS-UFMA). E-mail: clayton.marinho@discente.ufma.br

²Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marmanillo.jesus@ufma.br

levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a declarar em março de 2020, que se tratava de uma pandemia, e dentre outras medidas para mitigação de sua propagação, recomendou o distanciamento social. Esse cenário afetou o cotidiano da população mundial, impactando as configurações das relações sociais.

Urge salientar que o contexto pandêmico deu maior visibilidade a uma série de desigualdades históricas que assolam o Brasil, como a má distribuição de renda, desemprego, precariedade de acesso à internet banda larga e dispositivos tecnológicos, limitando assim o número de trabalhadores que podem exercer suas atividades na modalidade *home office*, e estudantes de graduação e até mesmo de pós-graduação participarem de atividades letivas através do ensino remoto.³

Essa necessidade da migração do ensino presencial para plataformas digitais fez com que os professores tivessem que adaptar de forma emergencial suas metodologias de aula para o ambiente *on-line*, muitas vezes com escassez de recursos e sem o devido suporte técnico para utilizar todas as ferramentas disponíveis nestas plataformas. Foi transferido para o professor o ônus de produzir material digital de apoio, contratar um provedor de internet com velocidade compatível para participar das aulas remotas transmitindo som e imagem com qualidade, além de ter que adquirir equipamentos como notebooks, microfones, câmeras etc. como resumiu a doutora em educação, Sandra Ramal, em entrevista ao jornal O Globo, em junho de 2020, “o professor foi dormir presencial e acordou online” (PERELLÓ, 2020).

De acordo com levantamento do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), que monitora a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no Brasil, em 2019⁴, em um cenário anterior a Pandemia, 26% dos brasileiros não tinham acesso à internet. A desigualdade é evidenciada quando observamos que nas famílias de classe A, esse número é de apenas 1%. Dos alunos de escolas públicas, 23% só acessam a internet pelo celular em contraste com 3% dos alunos de escolas particulares. Além disso 53 % dos docentes afirmaram que são prejudicados pela ausência de curso específico

³ Em 16 de Junho de 2020, o Ministério da Educação emitiu a Portaria nº 544 que autorizou “em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em cursos regularmente autorizados, por atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino”.

⁴CETIC, **Pesquisa TIC Educação 2020**. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

para o uso do computador e da internet para ministrar suas aulas (OLIVEIRA, 2020). Os indicadores sobre o acesso à internet, embora se trate de discentes do ensino básico, permitem contextualizar a discussão sobre a profunda desigualdade entre estudantes de diferentes classes sociais, também nos cursos de graduação e pós-graduação do país.

Outro fator que foi exposto de forma visceral em face às condições apresentadas pela pandemia foi a saúde mental no ambiente da pesquisa acadêmica (BASÍLIO, 2021). No Brasil, vivemos em um luto intermitente com mais de 550 mil vítimas, não bastasse esse trauma coletivo causado por essa tragédia sem precedentes, convivemos com uma disseminação de *fake news* através das redes sociais, ataques diuturnos ao funcionamento das instituições democráticas, denúncias de corrupção investigadas por uma Comissão Parlamentar de Inquérito e um crescente negacionismo científico que acaba por criar um hiato maior entre a Universidade e a sociedade civil.

Cyril Lemieux no seu ensaio “A Escrita Sociológica” (2015, p.307) ao fazer referência a Howard Becker (2004), cita a “angústia da página em branco” que geralmente petrifica os pesquisadores, bem como a “câimbra mental” do esforço de ter que escrever sob o olhar criterioso dos pares. A já normalizada pressão por produtividade e busca da excelência são catalisadas nessa conjuntura pandêmica, onde os cronogramas e propostas metodológicas dos projetos de pesquisas são impactados. A incerteza sobre o futuro, a solidão do momento da escrita, a falta do convívio social com os colegas, orientadores e professores acabam por afetar o emocional e o psicológico do acadêmico.

Obviamente, essas mudanças também impactaram as produções científicas, principalmente em relação às pesquisas que têm como percurso metodológico a etnografia, uma vez que a ida *física, presencial* ao campo para a coleta e produção de dados tornou-se inviável nesse contexto pandêmico. Diante do panorama atual, muitos desafios metodológicos surgem. Como realizar pesquisa em Ciências Sociais que necessitam de trabalho de campo? Como desenvolver um projeto de pesquisa relevante e viável frente a essa transformação radical do cenário global? Como realizar etnografia em tempos de distanciamento social? Como conhecer a cultura e compreender as interações entre os indivíduos sem que haja fisicamente a interação com eles? Quais as implicações éticas, de segurança e saúde coletiva na coleta de

dados nesse novo cenário? Como manter-se saudável mentalmente, cumprindo prazos, metas de produtividade e atendendo expectativas pessoais e dos programas de pós-graduação? São muitas as questões imprescindíveis que emergem.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA ETNOGRAFIA

Howard Becker (1993, p.17) define a metodologia como o estudo dos métodos de pesquisa nas Ciências Sociais. Segundo o autor, ela atua em papéis importantes como o de questionar o “grau de confiabilidade do conhecimento” que foi adquirido a partir de determinados métodos ou de “aperfeiçoar esses métodos através da investigação fundamentada e das críticas de suas propriedades” (Becker, 1993, p.17).

No campo da Antropologia, Sociologia, Comunicação, Educação dentre outras áreas relacionadas às Ciências Humanas, o método etnográfico é um instrumento largamente utilizado e consagrado. Sua origem é atribuída aos estudos antropológicos e que gradualmente passou a ser utilizado de modo muito eficiente no desenvolvimento de estudos das mais diversas questões relacionadas à subjetividades, alteridades, sistemas de valores, relações de gênero, religião, dentre outros.

Pode-se dizer que a pesquisa etnográfica é a pesquisa antropológica por excelência, uma vez que se volta para o estudo das múltiplas manifestações de uma comunidade ao longo do tempo e do espaço. A pesquisa etnográfica clássica envolve uma detalhada descrição da coluna como um todo, o que requer dos pesquisadores, pessoas estranhas à comunidade, longa permanência em campo. (GIL, 2019).

Diversos estudiosos trazem conceitos sobre o que é a pesquisa etnográfica. Para Severiano (2016) é um tipo de pesquisa que visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades, os modos de vida do indivíduo ou do grupo social. A pesquisa etnográfica é um tipo de pesquisa qualitativa que estuda grupo de pessoas enfatizando “os sujeitos pesquisados independentemente das teorias que sustentam a descoberta” (MARCONI; LAKATOS, 2017).

A maioria das pesquisas etnográficas conduzidas contemporaneamente, não se voltam para o estudo da cultura como um todo. Embora algumas pesquisas possam ser caracterizadas como estudos de comunidades, a maioria realiza-se no âmbito de

unidades menores, como empresas, escolas, ordens religiosas, aldeias urbanas, salões de beleza, etc. E valem-se de ampla multiplicidade de técnicas de coletas de dados, tais como entrevista, observação, análise de artefatos físicos e toda sorte de documentos. (GIL, 2019).

Nesse sentido, para Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2008), a etnografia corresponde a demandas científicas que ocasionam a coleta e produção de dados e conhecimentos antropológicos por meio da interação entre sujeito e pesquisador, assim propondo a observação direta ou indireta, as rodas de conversas informais ou formais, bem como também através de entrevistas. Essas variações são passíveis de ocorrer devido as particularidades do campo escolhido e dos interlocutores.

Além dessas diversas formas de coleta de dados, o método etnográfico exige uma certa maturidade científica do pesquisador de se despir previamente dos juízos de valor, preconceitos, para tentar compreender o mais próximo da essência das práticas e ritos de uma cultura específica, sem julgamentos. Por exemplo, ao indagar um interlocutor indígena em contexto urbano sobre como ele atestava que tinha contraído o novo Coronavírus, ele revelou elementos oníricos, relatando que “quem sonha com cachorro ou gado, vai ter corona”⁵.

José Guilherme Magnani (2009) destaca o esforço correspondente ao estranhamento ou exterioridade do pesquisador para com o objeto. De acordo com ele, nessa etapa de pesquisa, o pesquisador adentra o universo dos interlocutores ao compreender sua visão de mundo por meio de uma relação de troca que se estabelece no campo.

O pesquisador, além disso, deve procurar pistas para formular suas teorias ou compará-las, num exercício metodológico de fazer o enquadramento teórico. Para Magnani (2009), por meio de “*insights*” que produzem o conhecimento, com um trabalho paciente e contínuo no qual a observação perspicaz resulta em novas percepções. Urge diferenciar “experiência etnográfica” de “prática etnográfica”: Segundo Magnani (2009), a primeira corresponde a algo programado e contínuo, enquanto a segunda corresponde ao imprevisto e descontínuo.

Esse fazer etnográfico é pautado em uma longa tradição, onde destaca-se o antropólogo Bronislaw Malinowski, considerado o fundador da Antropologia Social e

⁵ Coleta dessa fala do interlocutor foi feita na visita a aldeia urbana do Parque Amazonas em Impeatriz-MA, no dia 15 de fevereiro de 2021, tendo sido registrada no diário de campo do autor.

da Escola Funcionalista, um dos pilares clássicos da disciplina de Antropologia, e que com sua célebre obra, “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” (1984), inaugurou os fundamentos do método etnográfico, que viriam a servir de referência para os trabalhos antropológicos posteriores. Para ele, o trabalho etnográfico obtém valor científico quando os resultados podem ser obtidos por meio de observação direta e na aplicação sistemática de regras e princípios científicos:

Os princípios metodológicos podem ser agrupados em três unidades: em primeiro lugar, é lógico, o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência (MALINOWSKI, 1984. p.20)

Uma das grandes contribuições de Malinowski consiste na consagração da observação participante como um instrumento valioso para o trabalho de campo em Antropologia. Essa técnica propõe a interação entre observador e observado. Assim, torna-se possível acompanhar o interlocutor ao aprender e observar seus costumes e crenças. Consiste, portanto, em participar da vida social do observado. O próprio observador vai se tornando um instrumento de sua própria pesquisa de campo por meio de processos sistemáticos, como, por exemplo, aprender o idioma falado por seus interlocutores. Esse processo de transformação pode ser uma das maiores dificuldades no trabalho de campo, haja vista a imperiosa separação entre o lado pessoa e a sua escrita científica.

3 ETNOGRAFIA VIRTUAL: CONCEITOS E APLICABILIDADE

Diante do advento das tecnologias digitais, passam a surgir novos meios de coletar e produzir dados no bojo da pesquisa social. E é nesse cenário de grandes e rápidas mudanças da ciência e da própria sociedade que surge a etnografia virtual como mais uma ferramenta de pesquisa no ambiente da internet. Essa metodologia de pesquisa propõe investigar e analisar comunidades, costumes, práticas e cultura no chamado *ciberespaço*, que passa a ser alçado à condição de campo de pesquisa.

A etnografia virtual corresponde a um método de analisar os dados perante as inovações tecnológicas, sendo necessário brevemente tratar sobre a distinção

terminológica abordada por alguns estudiosos para designar esse campo que, frisa-se, mantém a mesma função epistemológica da etnografia tida como convencional. O teor de uma obra em formato físico ou *e-book* continua o mesmo, assim como o percurso etnográfico mantém-se fiel, apenas alargando as fronteiras e adequando-se ao novo arranjo de uma sociedade cada vez mais complexa e conectada.

Christine Hine (2000) é a principal expoente responsável pela divulgação da terminologia “etnografia virtual”. Outros termos, por vezes utilizados como sinônimos são citados por Polivanov (2013, p. 5): “etnografia digital”, “webnografia”, “ciberantropologia”, “etnografia por meio de internet”, “etnografia conectiva”, “etnografia de rede”. Outra variação corresponde a “netnografia”, terminologia que foi primariamente usada nos anos noventa do século passado, sendo associada a estudos de marketing e às comunidades que consomem produtos on-line.

Como foi apontado, Hine (2000), é a grande pioneira nos estudos etnográficos sobre internet, e foi quem se debruçou inicialmente para compreender o *status* da web e todo o contexto que envolve seu uso. No já clássico “Virtual Ethnography”, lançado originalmente em 2000 (ano simbolicamente considerado a “virada” para um novo milênio), a pesquisadora britânica concebe a internet através de duas perspectivas. Na primeira, ela é entendida como um lugar, ou melhor dizendo, um ciberespaço, no qual a cultura é constituída. Em outro viés, é entendida como um artefato cultural, como um produto da cultura, com objetivos e propriedades distintos, de acordo com o contexto em que está inserido.

Ao sustentar a defesa do método etnográfico realizado de forma virtual, a autora demonstra que ele seria o indicado para compreender as transformações ocorridas nas dimensões de espaço e tempo causadas pelas tecnologias de comunicação e informação conforme indica logo na sua introdução sobre a nomenclatura etnografia virtual:

A metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos nos quais ela é empregada e é uma abordagem adaptativa que floresce na reflexividade sobre o método. A abordagem etnográfica descrita aqui tem como objetivo fazer justiça à riqueza e complexidade da internet e também defender a experimentação dentro do gênero como uma resposta a novas situações. (HINE, 2000, p. 13).

Mesmo em uma sociedade contemporânea cada vez mais complexa e conectada, na qual é tênue a fronteira entre o *off-line* e o *on-line*, alguns pesquisadores

mais tradicionais, questionam os métodos abordados pela etnografia virtual, e colocam em xeque o ciberespaço como um lugar, onde as máquinas façam a intermediação entre observador e observado, sem a interação face a face da etnografia digamos mais ortodoxa. Para eles, a prática de uma etnografia “de fato”, não poderia se desenvolver no âmbito do ciberespaço, uma vez que na visão deles, não haveria o “deslocamento, o estranhamento e o ir a campo tão decisivos na formação do olhar interpretativo” (POLIVANOV, 2013. p. 65-66).

Com o devido respeito a esses autores, mas não se pode ignorar que as tramas da vida cotidiana se desenvolvem em grande parte, na atualidade, através da “cultura de telas”, nas interações através de redes sociais e aplicativos eletrônicos, seja para participar de atividades educacionais, audiências judiciais, utilizar serviços bancários, solicitar transporte, adquirir mercadorias, comprar alimentos, ter acesso a filmes, séries ou músicas, e até mesmo relacionamentos afetivos.

Corroborando com o entendimento da riqueza de significados do ambiente virtual, Hine (2000, p.21), sustenta que:

Uma vez que pensemos o ciberespaço como um lugar onde as pessoas fazem coisas, nós podemos começar a estudar exatamente o que é que elas fazem e porque, nos seus termos, elas o fazem. No entanto, assim como com todas as metodologias, mover a etnografia para um ambiente *online* tem envolvido algumas reexaminações do que a metodologia implica.

A etnografia virtual é fundamental para equacionar problemas relacionados à pesquisa na internet. Para Rifitis (2016, p.88), a rede mundial de computadores é vista “como um espaço social no qual se pode legitimamente fazer pesquisa antropológica”, haja vista que as mídias tornaram-se protagonistas em articular as práticas, crenças, rituais e modo de estar na sociedade.

4 UMA PERSPECTIVA PARA ADAPTAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

Como foi demonstrado, infelizmente a realidade de acesso à internet, inclusive dos estudantes e pesquisadores, é marcada pela nossa desigualdade social. Porventura pode haver comunidades, interlocutores, que não estão totalmente inseridas no mundo digital, o que inviabilizaria a adoção da etnografia virtual. Porém, em breves linhas irei apresentar a possibilidade do estudo do comportamento humano

no ambiente das interações sociais feitas por redes de relacionamento como, por exemplo, *Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Telegram, etc.*

Através da imersão nesses ambientes, onde aspectos culturais são constantemente produzidos e reproduzidos, a participação e a observação do cientista social permitem uma possibilidade de exploração de determinados grupos sociais, a partir de sua interação on-line, uma área de crescente relevância no que diz respeito à vida social especialmente se levarmos em conta a restrição de mobilidade provocada pela pandemia (NIND *et al.*, 2012)

A etnografia virtual, como adaptação do itinerário metodológico, permite não apenas traçar uma análise da cultura em meio digital, mas também possibilita observar atentamente como é sentida e como se transmite para este meio as questões e fenômenos que ocorrem *off-line*. Kozinets (2015) aponta que algumas das vantagens desse meio é que ele nos possibilita a conexão com comunidades que se constituem geograficamente dispersas, além de uma coleta de dados muito mais fácil que permite a compreensão do mundo *on-line*, estilos de interação e experiências vividas pelos internautas.

De uma maneira prática e didática, partindo da leitura de Robert Kozinets (2010), foi elaborado por Stephanie Jong (2016) uma espécie de guia passo a passo de como fazer a pesquisa netnográfica, seguindo a divisão de cinco etapas, a saber:

- 1) Planejamento: etapa na qual são definidas as perguntas, os *websites* ou fóruns a serem pesquisados, discussões sobre a reflexividade do autor bem como as considerações éticas;
- 2) “*Entree*”: etapa em que o pesquisador deve se familiarizar com as comunidades que pretende estudar;
- 3) Coleta de dados: etapa de inserção como observador-participante. Vale lembrar que é indispensável que o pesquisador respeite seus pressupostos éticos e se comprometa a realizar a contínua atualização das notas de campo;
- 4) Análise dos dados coletados;
- 5) Escrita e representação dos eventos observados e como estes afetam suas premissas e conclusões.

Obviamente, esse rol não é taxativo, está aberto as particularidades e especificidades de cada campo, como afirma Miller (2020) durante uma palestra

através do *youtube*. Para o pesquisador, o método também é algo que você aprende no curso da etnografia. “Na verdade, tudo se baseia na sensibilidade, na compreensão de como uma população em particular se comporta”.

São reconfortantes as palavras de Daniel Miller (2020), que já supervisionou uma vasta série de doutorandos em Antropologia, e com essa vasta experiência, nos diz que no final das contas, muitas vezes são “as coisas que as pessoas nunca pretenderam fazer, esperavam fazer ou realmente tiveram que fazer por padrão que acabaram por figurar entre as descobertas mais interessantes de seus projetos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conduzir uma pesquisa social em tempos de isolamento social é o desafio atual que se coloca frente a uma boa parte dos pesquisadores, e tem sido objeto de discussão em *webnários*, palestras, *podcasts*, *lives*, etc. Esse artigo não tem a pretensão e nem cabedal teórico de trazer um guia, ou “mapa da mina”, mas sugerir uma pequena luz, a etnografia virtual, como uma alternativa de caminho metodológico nesses tempos de exceção.

As evidências científicas nos trazem a certeza de que essa pandemia irá passar, à medida que um percentual considerável da população mundial seja imunizada pelas vacinas, e se diminua a circulação do vírus para evitar novas variantes, porém é provável que nossos costumes, hábitos e até mesmos as relações sociais, não voltem ao “normal”, por um bom tempo. Do mesmo modo, as pesquisas, a ida a campo também não serão as mesmas.

É preciso ter consciência que, em alguns casos, fazer o rearranjo da pesquisa para conjuntura atual deve exigir uma reformulação das perguntas de pesquisa ou mesmo do próprio objeto. É importante deixar claro essas limitações e adaptações no decorrer da escrita do próprio texto. Por mais que possa ser frustrante e até desestimulante, é necessário ter resiliência para conduzir essa mudança de rota.

Muito provável que o pesquisador não conseguirá fazer todo itinerário metodológico que se propôs a trilhar no projeto de pesquisa, porém se não puder fazer tudo, fará tudo o que puder! Acredito que o diálogo franco com o orientador, debate e desabafo com os colegas de turma, que invariavelmente estão na mesma situação conflitante, podem servir de bálsamo para superar esse período de adaptação.

Ademais, é procurar utilizar as ferramentas tecnológicas que estão à disposição, sobretudo as redes sociais, e reafirmar o compromisso de que a pesquisa acadêmica esteja conectada às transformações da sociedade contemporânea, com o dinamismo e sensibilidade para adaptar-se as urgências e contingências do “novo normal” a que o mundo foi submetido.

REFERÊNCIAS

- BASILIO, Ana Luiza. Suicídios na USP: A pandemia não é a única razão para sofrimento psíquico dos estudantes. **Carta Capital**, 25 de Julho de 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/suicidios-na-usp-a-pandemia-nao-e-a-unica-razao-para-o-sofrimento-psiquico-dos-estudantes/> Acesso em: 03 ago. 2021.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- CETIC, **Pesquisa TIC Educação 2020**. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/>. Acesso em: 03 ago. 2021.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. **Revista Iluminuras**. v. 9, n.21, 2008.
- FRAGOSO, Suely. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HINE, Cristine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: BARROS, Carla; CAMPANELLA, Bruno (Org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.
- HINE, Cristine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.
- HINE, Cristine. Internet como cultura e como artefato cultural. In: HINE, Cristine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial Uoc, 2004.
- JONG, Stephanie T. **Netnography research of online communities and culture**. In: Refereed Proceedings of TASA 2016 Conference.2016.
- KOZINETS, R. **Netnography. Doing Ethnographic Research Online**. London EC1y; Sage Publications Ltd. 2010.
- KOZINETS, Robert V. **Netnography. The International encyclopedia of digital communication and society**, 2015.

LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís. **Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sócias em isolamento social**. 2020 Laboratório de Humanidades Digitais da PUC-Rio e Laboratório de Metodologia do Instituto de Relações Internacionais PUC-Rio (digital).

LEMIEUX, Cyril. A Escrita Sociológica. *In*: Paugam, Serge (Org.) **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. **Blog do Sociófilo**, 2020. [Publicado em 23 de maio de 2020]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller>.

NIND, Melaine *et al.* Methodological Innovation and research ethics: forces in tension or forces in harmony? **Qualitative Research**, v. 13, n. 6, p. 6500667, 2013.

OLIVEIRA, Elida. Quase 40% dos alunos de escolas públicas não tem computador ou tablete em casa, aponta estudo. **Portal G1**, 09 de Junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-de-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 03 ago. 2021.

PAUGAM, Serge (Org.) **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PEREIRA, Samira Cristina Silva; MENDES, Sérgio Procópio Carmona. Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual. TECCOGS. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 21, p. 196-212, jan./jun. 2020.

PERELLÓ, Danilo. “Ensino remoto não é ensino à distância”, diz especialista em educação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de Junho de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/ensino-remoto-nao-ensino-distancia-diz-especialista-em-educacao-1-24501996>. Acesso em: 03 ago. 2021.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, etnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, Brasília, v.1, n.3, p. 61-71, 2014.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]**, v. 31, n. 90, p. 85-98, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologias do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016